Geograficidades do Juruá: a percepção do lugar dos ribeirinhos da comunidade Porto Alegre, em Ipiuna-AM

Geograficidades do Juruá: a percepção do lugar dos ribeirinhos da comunidade Porto Alegre, em Ipiuna-AM

Geographicities of the Juruá: the perception of the place of the riverside dwellers of the Porto Alegre community, in Ipiuna-AM

José Augusto Lopes de Lopes
Universidade Federal do Amazonas , Brasil
lopesandrade.augusto@gmail.com

Suane do Nascimento Saraiva
Universidade Federal de Rondônia, Brasil

Revista Presença Geográfica
vol. 12, núm. 1, 2025
Fundação Universidade Federal de Rondônia, Brasil
ISSN-E: 2446-6646
Periodicidade: Frecuencia continua
rpgeo@unir.br

Recepção: 12 Agosto 2024
Aprovação: 19 Fevereiro 2025

URL: https://portal.amelica.org/ameli/journal/274/2745193007/

Resumo: O texto se propõe a analisar o conceito fenomenológico de *lugar* de maneira correlacionada às narrativas dos moradores da comunidade ribeirinha Porto Alegre. Uma comunidade que pertence ao município de Ipixuna-AM, e que se localizada à margem direita do rio Juruá, bem em frente à cidade. Deste modo, a pesquisa parti de uma revisão bibliográfica, embasada na fenomenologia de Merleau-Ponty e em autores da vertente da Geografia Cultural fenomenológica, tais como: Eric Dardel, Edward Relph, Yi-Fu Tuan, Anne Butimen, Paul Claval, Werther Holzer, Amélia Regina Batista Nogueira e entre outros. Assim como, se utilizou a abordagem qualitativa e enfoque descritivo/exploratório. Quanto aos procedimentos, foram aplicados entrevistas e formulários com perguntas abertas semiestruturadas com quatro das famílias mais antigas da comunidade. Nessa perspectiva, o trabalho tem como foco analisar e compreender a percepção e a geograficidade dos ribeirinhos a respeito do seu Lugar (mundo vivido), seu modo de vida, noções vinculadas à perspectiva da geografia humanista-cultural, buscando entender, por meio da percepção do lugar dos moradores, o que é ser ribeirinho. Sendo resultado de pesquisas realizadas durante o período de 2023 a 2024, a partir de interesses relacionando as leituras sobre os autores. A percepção do lugar dos ribeirinhos está imbuída nas vivências mediatizadas pela dinâmica de vida na margem do Juruá, pelo ir e vir das canoas, na subida ao barranco, na pesca, no plantio, entre outras coisas inerentes ao modo de ser ribeirinho.

Palavras-chave: Geografia Cultural, Fenomenologia, Ribeirinhos, Modo de vida, Comunidade Porto Alegre.

Abstract: The text sets out to analyze the phenomenological concept of place in relation to the narratives of the residents of the riverside community of Porto Alegre. This community belongs to the municipality of Ipixuna-AM, and is located on

AmeliCA Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa acesso abertoPDF gerado a partir de XML JATS4R

the right bank of the Juruá river, just opposite the town. In this way, the research began with a bibliographical review, based on Merleau-Ponty's phenomenology and authors from the field of phenomenological Cultural Geography, such as Eric Dardel, Edward Relph, Yi-Fu Tuan, Anne Butimen, Paul Claval, Werther Holzer, Amélia Regina Batista Nogueira and others. It also used a qualitative approach and a descriptive/ exploratory approach. As for the procedures, interviews and forms with semi-structured open questions were used with four of the oldest families in the community. From this perspective, the work focuses on analyzing and understanding the perception and geography of the river dwellers with regard to their Place (lived world), their way of life, notions linked to the perspective of humanist-cultural geography, seeking to understand, through the residents' perception of place, what it is to be a river dweller. This is the result of research carried out between 2023 and 2024, based on interests related to readings about the authors. The riverside dwellers' perception of place is imbued in the experiences mediated by the dynamics of life on the banks of the Juruá, by the coming and going of the canoes, climbing the ravine, fishing, planting, among other things.

Keywords: Cultural Geography, Phenomenology, River dwellers, Way of life, Porto Alegre Community.

AmeliCA Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa acesso abertoPDF gerado a partir de XML JATS4R

INTRODUÇÃO

Este trabalho objetiva analisar a geograficidade, os modos de vida e a relação homem-natureza, a partir das vivências, do uso do espaço, da afetividade e da percepção com o lugar. O texto utiliza-se da perspectiva cultural (Claval, 1999, 2002), da geografia humana aplicada ao modo de vida dos ribeirinhos habitantes da comunidade Porto Alegre, no município de Ipixuna, localizada no meandrante Rio Juruá, no estado do Amazonas. Para embasar a reflexão teórica faz-se uso da fenomenologia de Merleau-Ponty (1999) e de autores que desenvolvem teorias geográficas na perspectiva humanista, tendo a fenomenologia como aporte teórico-metodológico (Dardel, 2011; Tuan, 1980, 1983; Costa 2002; Lima, Kozel, 2009; Marandola; Holzer; Oliveira, 2012; Holzer, 1997, 2003, 2008; Bachelard, 1993, Relph, 1979, Buttimer, 1985; Nogueira, 2001, 2004).

Desse modo, o trabalho torna-se importante, pois as comunidades ribeirinhas da Amazônia, são essenciais para a preservação do modo de vida e das diferentes percepções de lugar. Assim como, as populações ribeirinhas contribuem com a preservação do meio ambiente, por isso os estudos sobre os povos amazônicos, tradicionais e originários são importantes.

Destarte, é no lugar que se encontram as evidências incontestáveis do poder de percepção, afeto e experiência do sujeito em meio ao seu mundo vivido, concebendo, assim, uma geograficidade (Tuan, 1983). Assim, essa geograficidade inerente ao mundo vivido constitui as percepções dos lugares vividos e diferenciados (Nogueira, 2014).

O intuito desta pesquisa foi o de analisar e compreender o conceito de lugar, por meio de uma breve revisão de literatura, tendo como de limitação do universo da pesquisa, a comunidade Porto Alegre e os seus moradores, onde foi aplicado questionários, entrevistas e feito observações para, assim, verificar as suas percepções, suas memorias, afetividade perante o lugar vivido, as margens do rio Juruá.

A estrutura do artigo em primeiro momento abordará acerca do conceito de lugar na fenomenologia e depois discutirá a definição de mundo vivido, geograficidade e ser ribeirinho. E posteriormente apresenta-se a metodologia, os procedimentos metodológicos e logo depois os resultados e discussão, a partir das entrevistas realizadas com moradores da comunidade Porto Alegre.

O conceito de lugar na fenomenologia

A Fenomenologia é um método de interpretação e de pesquisa. Enquanto método de interpretação trata-se da concepção de mundo do pesquisador acerca de uma sociedade, de uma cultura, de um fenômeno. É uma análise a partir da percepção da realidade ou, conforme Merleau-Ponty (1999) é uma sistematização das formas teóricas e/ou intrínsecas de conceber a realidade, de compreender o mundo vivido a partir da percepção. Já enquanto método de pesquisa, conforme Moreira (2002), refere-se ao conjunto de técnicas utilizadas em determinado estudo. O método de pesquisa leva a construção do conhecimento teórico. Diz respeito aos problemas operacionais, recursos técnicos de que dispõe.

A Fenomenologia é como uma abordagem metodológica ou uma maneira de raciocinar com os sujeitos da pesquisa. A perspectiva fenomenológica tem como finalidade, conforme assevera Spósito (2004, p. 37), ao citar Lencioni (1999) sobre a oposição objeto e sujeito, entre ator e observador, firmando-se sobre a visão antropocêntrica do mundo. Nesta perspectiva, é um caráter metodológico característico das pesquisas qualitativas na qual o que realmente importa é o ser humano como agente. e

AmeliCA Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa acesso abertoPDF gerado a partir de XML JATS4R

Deste modo, apoiando-se em Merleau-Ponty (1999) para a desenvolvimento da proposta deste trabalho, busca uma visão sobre o mundo vivido (lugar), construído, percebido, sentido, experimentado pelo sujeito. Entre os principais autores precursores da Fenomenologia estão: Husserl (1859-1938), Heidegger (1889-1976), Mearleau-Ponty (1908-1961), Sartre (1905-1980). Esta corrente utiliza da subjetividade, do empirismo, da percepção, do imaginário e da valorização da experiência vivida.

Para discutir o conceito de lugar nos apoiaremos na Fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty, onde o mesmo conceitua como o estudo das essências da percepção, a essência da consciência, como uma filosofia que repõe as essências na existência e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra maneira senão a partir de sua "facticidade" (Merleau-Ponty, 1999). De acordo com o mesmo autor, a fenomenologia se pauta no relato do espaço, do tempo e do mundo vivido. O autor enfatiza que o mundo não é aquilo que eu penso, mas aquilo que eu vivo (Merleau-Ponty, 1999). O conceito de lugar, pensado a partir da filosofia de Mearleau-Ponty, é tratado como uma categoria de análise sob um olhar de:

> Uma filosofia transcendental que coloca em suspenso, para compreendê-las, as afirmações de atitude natural, mas que é também uma filosofia para a qual o mundo já está sempre ali, antes da reflexão, como uma presença inalienável, e cujo esforço todo consiste em reencontrar este contato ingênuo com o mundo, para dar-lhe enfim um estatuto filosófico (Merleau-Ponty, 1996, p. 19).

A partir da visão de alguns geógrafos (Dardel, 2011; Tuan, 1980, 1983, Relph, 1979, Nogueira, 2011, 2004; Holzer, 1997, 2003, 2008; Buttimer, 1985), entendemos esse mundo, salientado por Merleau-Ponty, como o lugar vivido, experienciado, sentido, percebido pelo sujeito, isto é, o espaço das relações diretas que o sujeito vivencia, estabelecendo o contato homem/natureza, homem/meio. É a interface, o contato direto que o sujeito tem com o seu mundo a sua volta, com o seu lugar. Este mundo vivido, lugar, é a vizinhança, o bairro, a praça, a escola. No caso do ribeirinho, é o contato direto com o rio, com o barranco, com a canoa, com a pesca, o roçado, isto é, tudo o que lhe traz lembranças, causos, histórias, nostalgias, a partir da percepção que o mesmo tem com o lugar.

De acordo com Nogueira (2002), ao tratar da representação do saber percebido, isto é, percepção do sujeito sobre o seu mundo vivido, o lugar se apresenta tal como ele é, com sua morfologia, histórias concretas e simbólicas, cujo imaginário é reconhecido como uma forma de apreensão do lugar pelo sujeito que o vive. A professora Amélia Regina Batista Nogueira (2001) propõe pensar o lugar a partir da vivência humana, pensando o homem em seus lugares, enquanto indivíduo, enquanto sujeito que está no mundo e que tem, pois, uma experiência de vida, uma percepção do mundo a sua volta, isto é, o seu lugar, com seus, símbolos, formas e significados.

A autora ao fazer uma interpretação fenomenológica na geografia salienta que o homem com suas experiências pessoais do lugar, com suas emoções em relação a ele, com suas experiências agradáveis e desagradáveis, acaba criando diversos sentimentos, uma subjetividade pelo lugar, pode-se se dizer uma sinestesia de sentimentos, sentidos em decorrência das percepções que o sujeito adquire (Nogueira, 2004).

O lugar, conforme expressa Dardel (2011) deve ser compreendido a partir da relação existencial entre o homem e o seu mundo, o homem e a sua relação direta, quase que simbiótica, com a terra, de onde retira da natureza o seu sustento, produzindo, assim, a sua vida. O lugar é para os homens que nele vivem uma porção do espaço geográfico composto por fenômenos experimentados pelo sujeito e, assim, numa visão de Milton Santos, este espaço é metamorfoseado pelos indivíduos que nele habitam (Santos, 1988).

AmeliCA Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa acesso abertoPDF gerado a partir de XML JATS4R

Dardel (1990, p. 43) explica que "a realidade geográfica é primeiramente aquela onde está o lugar de sua infância, o ambiente que lhe chama a sua presença." A partir de Dardel (1990; 2011), ao buscar entender o lugar do ribeirinho, a realidade geográfica desde sua infância, pode-se dizer que o ambiente é muito fecundo para as percepções e experiências, tais como: o banho no rio; a pescaria e a caçada para o rancho; o plantio do milho, do feijão, da mandioca para sua subsistência; a construção de suas casas; a educação dos filhos, a religiosidade, o folclore, entre muitas outras coisas. Tudo isso evidencia um conjunto de experiências, sensações, memórias, percepções com o lugar vivido.

Buttimer (1985, p. 166), ao falar sobre o dinamismo do mundo vivido salienta que:

> [...] Habitar implica mais do que morar, cultivar ou organizar o espaço. Significa viver de um modo pelo qual se está adaptado aos ritmos da natureza, ver a vida da pessoa como apoiada na história humana e direcionada para um futuro, construir um lar que é o símbolo de um diálogo diário com o meio ambiente ecológico e social da pessoa.

Neste entendimento, conforme Buttimer (1985), a concepção de lugar, mundo vivido, está para além de habitar, ter uma casa, cultivar, organizar o espaço geográfico, mas é estar acostumado à fenomenologia do lugar, aos ritmos, tempos, dinâmicas de sobrevivência que moldam a geograficidade do indivíduo. Neste caso, ao enxergar o lugar do ribeirinho, pode-se dizer que o mesmo está adaptado aos ritmos da natureza para vivenciar o processo de condução de sua existência.

Ao falar de mundo vivido Relph (1979, p. 3) salienta que é o mundo de ambiguidades de sentimentos, comprometimentos e significados no qual estamos inextricavelmente envolvidos em nossas vidas diárias, mas o qual tomamos por muito certo. Deste modo, a partir do arcabouço de uma visão fenomenológica, Relph (1979) destaca que o mundo vivido possui três dimensões: o mundo vivido natural, "este é o mundo que vemos e sentimos, mas no qual estamos apenas implicados, porque se constitui numa situação necessária que nos é dada" (p. 5); o mundo vivido social, "[...] é o da intersubjetividade, linguagem comum, contato com outras pessoas, instrumentos, edifícios e obras de arte, tudo o que não é meramente pré-determinado, mas usado, transformado e manipulado" (p. 6); e o mundo vivido geográfico, onde "há comumente estruturas ou padrões experiênciados nessas relações, e é uma dessas estruturas que constitui o mundo-vivido geográfico" (p.7).

Relph (1979) também associa o conceito de lugar às experiências do sujeito e destaca que o padrão pessoal de atividades cotidianas (trabalho, laser, esporte) de um sujeito é realizado em um lugar, um espaço específico. O autor destaca que os lugares combinam qualidades e aparências destes com os nossos modos e atitudes, e que essas experiências são fundidas em "geograficidade", a base "preconsciente" e "preconceitual" da Geografia.

> [...]é nos lugares onde vive e através do manejo dos campos, rios e pradarias, no curso de sua vida e no movimento de coisas e pessoas, que o homem externa sua relação fundamental com a Terra. É o mundo vivido geográfico que tem inspirado gerações de pintores de paisagens; os arquitetos, construtores de cidades e engenheiros têm procurado modificá-las; os fazendeiros cultivam-no e inúmeras pessoas têm sentido uma necessidade de contemplá-lo, nele viajar e explorar na escala de vizinhança ou na expedicionária. Não há nada de misterioso, ou abstrato, ou exclusivo nesse mundo-vivido geográfico, embora ele tenha inspirado e influenciado numerosas religiões, filosofias e teorias; é simplesmente o mundo de espaços, paisagens e lugares, o qual todos devemos encontrar em nossas vidas diárias (Relph, 1979, p. 7).

De acordo com Relph (1979) a categoria lugar tem a sua relevância em virtude da experiência diária, do viver cotidiano do indivíduo em seu mundo. "Conhecemos o mundo pré-conscientemente através e a partir dos lugares nos quais vivemos e temos vivido, lugares que clamam nossas afeições e obrigações" (Relph, 1979, p. 16). Corroborando com o entendimento de lugar como experiência diária Nogueira (2001) enfatiza que o lugar expressa as experiências, percepções e as aspirações das pessoas e que os homens não se movimentam em um lugar abstrato, mas sim num lugar que é concreto e pessoal. O lugar não é um fato a ser explicado na ampla estrutura do espaço, ele é a realidade a ser esclarecida e compreendida sob a perspectiva das pessoas que lhe dão significados.

O geógrafo Yi-Fu Tuan (1980), entendendo o lugar a partir da fenomenologia na geografia humanista esclarece que é o espaço que se torna familiar às pessoas, sendo, pois, o espaço vivido da experiência, da ligação emocional dos objetos físicos, das funções e símbolos engendrados na criação de identidade do lugar. E assim, usa o conceito "Topofilia" para falar de lugar, conceituando o termo como elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico, sendo a experiência e a percepção afetiva, alegre, feliz, nostálgica do lugar, (Tuan, 1980).

Em Holzer (1997; 2003; 2008), ao tratar do conceito de lugar na geografia Cultural-Humanista, embasada na fenomenologia, também se verifica o entendimento do existencialismo, das experiências, da percepção do sujeito sobre o seu mundo vivido, o lugar. Holzer (2003) também compreende o lugar para além de um ponto de referência, um sentido locacional, pois entende que o lugar expressa marcas, sensações, emoções para as pessoas que nele vivem. Deste modo, Holzer (2003) entende que o lugar, dentro da fenomenologia, está imbuído dentro de uma ideia existencial, perceptiva, a partir da experiência do sujeito sobre o mundo vivido.

De maneira geral, pode-se perceber que o conceito de lugar, dentro do arcabouço da Geografia Humanista, embasada na Fenomenologia, busca entender a essência, as particularidades da existência do ser, de modo a buscar compreender como o sujeito concebe a noção sobre o seu lugar vivido, a sua percepção, a sua geograficidade.

Geograficidade: ser ribeirinho, seu mundo vivido

Ao falar de Geograficidade Dardel (1990; 2011) diz que se refere às maneiras diversas pelas quais sentimos, conhecemos e percebemos os ambientes ao nosso redor. Está interligado a uma espécie de relacionamento com o espaço geográfico, com uma ligação emocional com o lugar, com a natureza, com a paisagem, seja ela natural ou construída, que são os alicerces da fixação do homem em um lugar e consequentemente de sua existência em seu mundo vivido. De acordo com Nogueira (2007, p. 87) "essa "geograficidade", só é possível na relação ser e mundo. O lugar interpretado para além de seus aspectos físicos, compreendido como lugar de vida. O lugar que vai sendo construído numa relação intersubjetiva entre o homem e ele." E ainda, Relph (1979) nos diz que a geograficidade consiste na realidade do indivíduo em sua interação com o espaço, paisagem e lugar, na medida em que essas categorias são experiênciadas como propriedades do muno vivido e diz ainda que a geograficidade do homem "é o seu modo de existência e seu destino" (Relph, 1979. p. 18).

AmeliCA Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa acesso abertoPDF gerado a partir de XML JATS4R

Em relação à geograficidade e ao modo de vida do Ribeirinho, eles vivem uma realidade e uma dinâmica existencial própria junto com a natureza, uma relação homem-natureza (Dardel, 2011). Nessa relação existencial com o seu mundo vivido, pode-se dizer, de maneira geral, que eles vivem de acordo com a periodicidade da cheia e da vazante (ciclo hidrológico), já que esta sazonalidade influência na pesca, no plantio, na colheita na caça, no comércio. Costa (2002) argumenta que os ribeirinhos vivem conforme o banzeiro do rio, trabalhando e vivendo, buscando a sua subsistência. É nessa interação com a natureza, em meio as margens do Rio Juruá, que vivem os moradores da comunidade Porto alegre. Nos dizeres de Cardoso (2010), as comunidades ribeirinhas são singulares e possuem no seu espaço geográfico, a segurança de existência, sobrevivência, manutenção e reprodução da vida e, mormente, de pertencimento e afetividade com o lugar vivido.

Ribeirinho é uma conceituação dada para as populações humanas que vivem as margens de cursos d'água e envolve uma questão de identidade dos indivíduos com essa terminologia (Pinto, 2010). Fraxe, Wittkoski e Pereira (2007) definem ribeirinhos como: populações tradicionais que vivem em ecossistemas de várzea (rios, paranás, lagos, furos, igarapés, etc.) organizados em comunidades. Para estes autores o termo "ribeirinho" refere-se àquele que anda pelos rios. Conforme os autores, a definição de ribeirinho está diretamente relacionada ao seu contato imediato: os rios, lagos, igarapés, etc, e, no tocante, a geograficidade destes está ligada ao modo de subsistência no rio.

Às vezes, famílias ribeirinhas enfrentam estereótipos e são vítimas de juízos do senso comum, que distinguem os ribeirinhos como pessoas "atrasadas", "preguiçosas" que são regidas por um "tempo lento", fazendo alusão a Saint-Clair Cordeiro da Trindade Junior (2010) quando fala das "Cidades na Floresta", destacando essa visão preconceituosa. Costa (2002) ratifica dizendo que esta é uma ideia etnocêntrica de pessoas que, em geral, vivem em grandes centros urbanos, alheias a realidade da vida nos rios e nas florestas.

Mas ao focar na geograficidade do ribeirinho, na interações homem-natureza, Fraxe, Wittkoski e Pereira (2007, p. 15) ressaltam que "[...] as inundações periódicas fazem da várzea um ambiente anfíbio". E seguem dizendo que:

> Durante um período do ano (4 a 5 meses), a maior porção dessa planície está submersa e faz parte do ambiente aquático; em outro período, participa do ambiente terrestre. A falta de sincronização entre o regime fluvial e o regime pluvial (chuvas) faz com que existam quatro "estações climáticas" no ecossistema de várzea, que regulam o calendário agrícola: a enchente (subida das águas), a cheia (nível máximo das águas), a vazante (descida das águas) e a seca (nível mais baixo das águas). Nesse ambiente, constantemente submetido a fortes estresses, a biota e o homem amazônico desenvolveram os mais variados comportamentos adaptativos (Fraxe; Wittkoski; Pereira, 2007, p. 15).

Esta dinâmica natural é própria do ser ribeirinho no meandrante Juruá, assim como em outros recantos amazônico. Os mesmos estão acostumados a viverem a enchente, a cheia, a vazante e a seca, já estão imbuídos nas periodicidades e dinâmicas da natureza. Inclusive aproveitam-na, pois durante a cheia, quando alaga os rios, igarapés, lagos, furos, é o período que fica mais favorável a pesca, a caça, a extração de frutos, como o açaí, bacaba, buriti, entre outras, pois os diversos territórios de pesca, caça, extração ficam conectados pelas águas, sendo possível a captura de vários animais, bem como a extração. Essas atividades, conforme Cardoso (2010), compreendem a interação do habitante com o lugar, a partir dos saberes e técnicas de uso dos recursos naturais.

Claval (1999) em sua obra "A Geografia Cultura", salienta que é por meio das técnicas que os indivíduos concebem os seus modos de vida, sua cultura. No caso do ribeirinho vem ser a pesca, a caça, a extração, construção de canoas. Enfim, é a partir das técnicas que os homens orquestram a sua existência.

AmeliCA Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa acesso abertoPDF gerado a partir de XML JATS4R

Já no período da vazante, as técnicas são as de plantio e colheita na várzea. Fraxe, Wittkoski e Pereira (2007) explicam que é uma cultura ribeirinha cultivar nos solos aluvionares, compostos por grandes cargas de sedimentos orgânicos e inorgânicos transportados e depositados pelas águas da cheia. Esses materiais são os húmus que fertilizam a terra, deixando favorável para o plantio do feijão, milho, melancia, jerimum, macaxeira, entre outros produtos do plantio dos ribeirinhos. Os autores destacam que esta técnica de plantio vem ser uma atividade econômica e de subsistência para os ribeirinhos.

Cardoso (2010) acrescenta que a atividade de plantar, bem como as outras, fazem parte do modo de vida dos ribeirinhos, das suas origens condicionadas às adaptações em viver às margens dos rios. Logo, fazendo alusão a Vidal de La Blache, os ribeirinhos desenvolveram um modo de vida, um gênero de vida próprio. Conforme Dardel (2011), trata-se de uma geograficidade muito particular e um modo singular de viver o lugar. Deve-se acrescentar que além das atividades laborais há outras coisas que permeiam o mundo vivido dos ribeirinhos, como as religiosidades, os folclores, as lendas, as histórias, além de outras coisas imateriais que fazem parte do imaginário dos mesmos, trazendo-lhes subjetividade e afeto, a partir de uma percepção do vivido.

Com base em Dardel (2011), pode-se dizer que em tudo isso há uma geograficidade fundamentada na percepção e no modo de vida dos ribeirinhos, com seus antepassados, experiências, seu corpo, seus sentidos que, em um amálgama de sentimentos, organizam uma cosmovisão, seja no uso do seu espaço, em sua cultura, lazer, economia, a partir da afinidade com o lugar, o mundo vivido. Dardel (2011) afirma que o lugar é o ambiente das experiências das pessoas, com seus signos, símbolos, histórias vividas, seja de forma individual ou coletiva. Em Nogueira (2001) e Cardoso (2010) pode-se verificar que a geograficidade embasa a concepção das relações da vida diária e de aspectos particulares como as ligações afetuosas e das imagens mentais dos lugares das pessoas. Deste modo, ver-se o lugar a partir da posição daqueles que experienciam o fenômeno, isto é, da sua geograficidade. "O lugar é construído, significado, recomposto e criado pelas pessoas que nele vivem" (Buttimer, 2015, p. 04).

A partir do entendimento de uma Geografia Cultural Claval (2002) orienta para a associação de experiências e percepções do indivíduo com a natureza, com a terra, seus anseios e visões de pertencimento. O autor possibilita estender o debate epistemológico da geografia em novas análises, abrindo espaço, por exemplo, para a fenomenologia, o existencialismo e as filosofias críticas. Na obra Epistemologia da Geografia Claval assevera que:

> Fazer da geografia uma análise da experiência humana é voltar-se para a maneira como o indivíduo toma consciência daquilo que é através dos lugares onde vive, das paisagens que lhe são familiares e daquelas onde se sente à vontade, das ruínas que lembram o passado e dos equipamentos que convidam a olhar o futuro (Claval, 2011, p. 237).

Em Claval (1999, 2002, 2011) pode-se verificar a concepção de uma Geografia organizada no entendimento de uma análise da experiência humana, da consciência daquilo que é pertinente aos lugares de vida, relacionado à interação homem-natureza. O autor também argumenta que os lugares permitem a criação de uma memória coletiva e as lembranças acrescentam valor simbólico a determinados lugares. Segundo Claval (1999, p. 12), "a cultura que interessa aos geógrafos é, primeiramente, constituída pelos conjuntos dos artefatos, do Know-how e dos conhecimentos através dos quais os homens mediatizam suas relações naturais". No tocante, as ligações com os lugares são expressivamente culturais, demonstra a vida, as maneiras de fazer as coisas, de tratar da natureza, de conceber os espaços.

AmeliCA Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa acesso abertoPDF gerado a partir de XML JATS4R

Por tanto, esta visão Cultural de Claval (1999, 2002, 2011), que considera as técnicas das sociedades, a relação com a natureza, a experiência humana, a compreensão do lugar do sujeito, dialogam com o conceito de "geograficidade" e "mundo vivido", as noções de "lugar" Dardel (2011); Tuan (1980, 1983), Relph (1979), Nogueira, (2011, 2004); Holzer, 1997, 2003, 2008; Buttimer (1985), Cardoso (2010). Deste modo, a partir destas concepções, busca-se um entendimento acerca da cultura dos ribeirinhos da comunidade Porto Alegre, em Ipixuna-AM. Com base nesse arcabouço teórico almeja-se correlacionar e compreender o lugar destes ribeirinhos, habitantes das margens do Juruá, de maneira correlacionada as suas narrativas, as suas percepções acerca do lugar vivido, suas geograficidades.

METODOLOGIA

Neste trabalho utiliza-se a categoria lugar para além da geometrização, localização geográfica, não desprezando este entendimento. No entanto, procurou-se vencer a noção de lugar como ponto fixo, uma coordenada geográfica no mapa, para priorizar o entendimento de lugar como reflexo da cultura, das relações de vivência e experiência do ser humano em seu lugar vivido. Assim, buscou-se, como já anunciado, compreender os ribeirinhos e, conhecer melhor sobre os seus "modos de vida"; a relação "homem-natureza" vivenciada no lugar; a "geograficidade" e a "percepção" que os mesmos têm sobre o seu "mundo vivido", categorias estas difundidas por Dardel (2011), Tuan (1980 e 1983), Relph (1979), Buttimer (1985), e Nogueira (2001 e 2004), além de outros trabalhos da geografia a partir da fenomenologia.

Este trabalho se propõe a um estudo exploratório e descritivo a partir de uma abordagem qualitativa, que como explica Minayo (2009), lida com a natureza dos significados, das aspirações, dos valores, das crenças e das atitudes, isto é, com os fenômenos humanos. Enquanto pesquisa exploratória, Gil (2010) salienta que estas são realizadas em locais em que o objeto pesquisado é pouco explorado, tornando complexa a formulação de hipóteses. Severino (2007) explica que é executado com o objetivo de proporcionar, tipo aproximativo acerca de determinado fato. Assim, buscam apanhar informações acerca de um objeto, demarcando, portanto, um campo de estudo, verificando as condições de manifestação desse objeto.

Quanto ao método, a pesquisa se estrutura sobre o fenomenológico, buscando o apoio indispensável para analisar a relação do homem-meio com base nas suas percepções sobre o espaço, sobre o seu mundo vivido, o seu lugar, sustentando-se em Merleau-Ponty (1996). Deste modo, Gil (2010, p.14) explica que "o objeto de conhecimento para a fenomenologia não é o sujeito nem o mundo, mas o mundo enquanto é vivido pelo sujeito". A pesquisa fenomenológica parte do cotidiano, da compreensão do mundo e do viver das pessoas (Gil, 2010).

O trabalho utiliza-se de uma abordagem qualitativa, no qual utilizou-se de entrevistas a partir de formulários com perguntas abertas e semiestruturadas. Durante as visitas de campo, as aplicações de formulários foram realizadas com as quatro famílias mais antigas da comunidade e, além das anotações de campo, registrou-se as entrevistas em gravações para preservar as memórias por meio audiovisual, justamente, para corroborar no entendimento das revisões bibliográfica para produção deste artigo.

A área de estudo a comunidade Porto Alegre (Figura 1) fica situada à margem direita do rio Juruá, em frente ao município de Ipixuna (AM), em região de várzea. Deste modo, nos períodos de fortes chuvas do verão amazônico e, consequentemente, tempos de cheia, em virtude do relevo, ocorrem alagamentos, independentemente de a comunidade estar em terreno elevado em relação ao rio Juruá. Assim, esta população ribeirinha vive a sazonalidade de cheia e vazante que modificam, periodicamente, o lugar e a paisagem.

AmeliCA Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa acesso abertoPDF gerado a partir de XML JATS4R

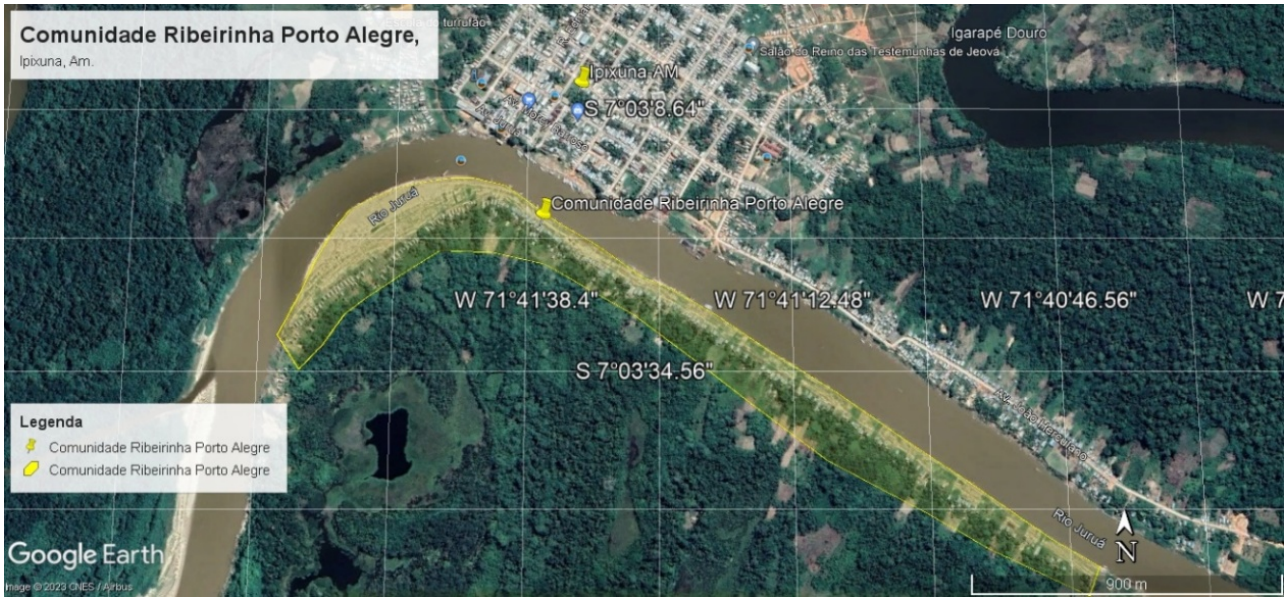


FIGURA 1
Comunidade Ribeirinha Porto Alegre, em Ipixuna-AM
Fonte: Google Earth

Os instrumentos empregados para a coleta de dados foram pesquisa de campo, realizadas nos dias 15 a 31 de julho de 2024, em que foi feito um levantamento geral da quantidade de moradores e famílias, quantidade de casas, analisados aspectos sanitários, descarte do lixo, atividades de lazer e esporte, a economia, religiosidade e demais aspectos inerentes à cultura. Além disso, também foram desenvolvidas entrevistas a partir de formulários com perguntas abertas e semiestruturadas junto aos moradores da comunidade ribeirinha.

Durante as visitas de campo, a aplicação dessas entrevistas e formulários foram realizadas com as quatro famílias mais antigas e, além das anotações de campo, registrou-se as entrevistas em gravações para preservar as memórias por meio audiovisual, justamente, para corroborar no entendimento da revisão bibliográfica para produção deste artigo. Nesse sentido, para guardar a identidade dos entrevistados será utilizado na descrição das entrevistas, apenas o sobrenome, garantindo o anonimato dos participantes da pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Comunidade de Porto Alegre: breves descrição

As visitas de campo à Comunidade Porto Alegre (Figura 2) ocorreram, pontualmente, no dia 11 e 13 de outubro de 2023 e nos dias 15 a 31 de julho de 2024. Durante o campo foi observado que a comunidade apresenta uma pequena infraestrutura, com opções de lazer e serviços intracomunitários, como escola, posto de saúde, serviço de internet, igrejas evangélicas e católica, campo de futebol e duas casas que funcionam como pequenos comércios. Contudo, não há pavimentação, nem esgotamento sanitário, limpeza urbana, drenagem urbana, manejos de resíduos sólidos e descarte adequado das águas servidas, conjunto de serviços fundamentais para o desenvolvimento socioeconômicas de uma população.

AmeliCA Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa acesso abertoPDF gerado a partir de XML JATS4R



FIGURA 2
Comunidade Ribeirinha Porto Alegre
Fonte: Andrade, José Augusto Lopes de, 2024

A população da vila é composta por aproximadamente 230 habitantes, distribuídos entre 50 famílias e contabiliza um total de 100 casas, conforme dados cadastrais da Secretaria Municipal de Saúde. A comunidade Porto Alegre é constituída de pescadores, agricultores, pequenos comerciantes e algumas pessoas trabalham no serviço público. As roças da comunidade ficam próximas das casas, bem como os campos de futebol que é a principal atividade esportiva, adentrando a mata. Na comunidade há três igrejas: católica, Santa Clara; Assembleia de Deus e Adventista do Sétimo Dia.

A comunidade não possui um sistema de esgotamento sanitário, assim como também a área urbana da cidade de Ipixuna não possui e nem as comunidades ribeirinhas. E também não há coleta de lixo na comunidade Porto Alegre. A maioria das residências faz uso de fossas negras que, em termos construtivos, resume-se a um buraco para lançamento do esgoto in natura, o que resulta na contaminação direta do solo e do lençol freático. Segundo Amaral et al (2023) as fossas rudimentares levam resíduos orgânicos e bactérias de modo direto ao solo, podendo ocorrer a percolação do material e alcançar o lençol freático, assim contaminando a água. Comumente na comunidade o lixo é queimado ou enterrado sem um destino adequado, que pode ser a criação de aterro sanitário, coleta seletiva ou compostagem, que melhorariam a vida da comunidade.

AmeliCA Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa acesso abertoPDF gerado a partir de XML JATS4R

A queima do lixo libera dióxido de carbono (ou gás carbono) na atmosfera que é prejudicial à saúde. O lixo sem destinação adequada afeta diretamente o ambiente, que favorece a proliferação de ratos, moscas dentre outros vetores que se alimentam do lixo e podem ocasionar doenças. Constatou-se que a comunidade sabe da importância do saneamento básico, uma vez que é regular o comentário dos entrevistados sobre o cuidado com o lixo até chegar ao destino final. A grande maioria dos moradores reconhecem a importância da coleta correta do lixo como sendo imprescindível para a redução dos problemas relacionados à saúde local e ao bem viver, evitando, pois, inúmeras doenças. No entanto, na percepção de grande parcela da população da comunidade há a necessita em caráter de urgência de ações concretas e duradoras de políticas públicas direcionadas ao saneamento básico.

O abastecimento de água potável para o consumo é feito por meio de poço artesiano que abastece uma caixa d'água e, assim, é distribuído para as residências dos moradores da comunidade.

O acesso a 100% das casas da vila se dá pela única rua paralela ao rio, fronteira das residências com a margem, formando uma visão panorâmica da vila, permitindo por exemplo, que haja diversos pontos para a amarração das canoas e barcos de menor porte, que favorecem incursões para a pesca e o lazer imediato das crianças que brincam de pular no rio.

Narrativas: percepção e afeição pelo lugar

A afeição e a percepção pelo lugar vivido são inerentes à vida de cada indivíduo em meio a sua espacialidade e temporalidade. Deste modo, conforme os representantes das quatro famílias mais antigos da comunidade Porto Alegre, podemos perceber a afeição pelo lugar e os seus modos de vida, associado a fenomenologia dos povos camponeses ribeirinhos.

O senhor Menezes morador da comunidade há mais de 30 anos ao prestar sua entrevista à pesquisa diz:

> Ser ribeirinho é bom, a gente vive a nossa vida de acordo com a natureza, eu gosto muito daqui, do meu lugar onde eu vivo, das pessoas, de olhar para rio e ver a garotada brincando na praia. Nós, planta na várzea milho, arroz, melancia. Nós também pescamos e, assim, vivemos. É da pesca que conseguimos a nossa comida, pois só do comprado fica difícil. Ser ribeirinho é muito bom [...]. Eu, particularmente, gosto muito de viver na beira do rio, ver o raiar do dia.

Nas falas de seu Menezes nota-se que a afetividade pelo lugar é algo notável, viver nesta espacialidade ribeirinha lhe deixa muito feliz. No entanto, o senhor Sebastião relatou o seguinte:

> Só não está melhor porque nesses tempos doidos nós não conseguimos prever muito bem como que vai ser a seca e se a cheia vai ser nos meses que estamos acostumados, ainda mais agora com essas secas que está dando. Essas secas que a gente vê no jornal já está afetando aqui e afeta a pesca, os barcos virem de Cruzeiro com mercadoria porque encalha e passa dias pra chegar. Mais essas coisas fazem parte da vida e do nosso lugar, sempre temos que aprender a viver com a cheia e com a seca, pois ser ribeirinho é assim.

AmeliCA Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa acesso abertoPDF gerado a partir de XML JATS4R

Seu Sebastião, na fala acima, menciona as adversidades do lugar, principalmente, das mudanças climáticas que afetam a dinâmica do ciclo de cheia e vazante, em anos atrasando e em outros adiantando, comprometendo a economia da comunidade ribeirinha Porto Alegre, posto que, se as chuvas escasseiam há comprometimentos em relação ao ciclo da pesca, bem como nas atividades de agricultura praticada pelos moradores da comunidade. Percebe-se que a geograficidade e percepção do lugar vivido não é exposta apenas por memórias boas, mas por situações que afligem também a realidade imediata da vida destes ribeirinhos, pois mesmo necessitando da dinâmica e dos tempos do rio, a ação antrópica decorrente das queimadas, poluição e desmatamentos também afetam a realidade de vida dessa população ribeirinha, uma vez que as ações humanas que degradam o meio ambiente afetam de maneira direta a vida dos moradores da comunidade.

Em diálogo com a senhora Albino, moradora da comunidade há mais de 40 anos, percebe-se tranquilidade ao falar sobre a vida na comunidade, de ser ribeirinho, da realidade e de sua afetividade pelo lugar:

> Viver na comunidade e ser ribeirinho é bom, porque a gente vive tranquilo, está perto da natureza, eu gosto muito de ver daqui de casa o rio, sentada na frente de casa e conversar com o pessoal. Nós plantamos verduras aqui na comunidade e às vezes vendemos uma parte pra termos alguma renda. Criamos galinha, pato, para o consumo. Agora eu não estou podendo mais, mas quando eu era mais nova eu raspava mandioca para fazer farinha, mas tem muita gente que planta roça e faz farinha para consumo, e outros vendem e assim a gente vive a vida aqui na beira do Juruá.

A senhora Albino, ao falar de sua afeição pelo lugar também destacou sobre a religiosidade e disse:

> Nós aqui em casa somos católicos e todos os anos eu dou uma prenda no novenário da padroeira da Comunidade que é Santa Clara e vamos para as missas e novenas, eu acho muito bom ser devoto é participar dos festejos em tempos de novenário.

É notório na fala da senhora Albino que a religiosidade é importante, além disso, essa religiosidade e devoção tem relação com o lugar de vida, pois Santa Clara é a escolhida para ser padroeira da comunidade ribeirinha Porto alegre.

O senhor Nascimento, morador da comunidade Porto Alegre há de 30 anos, nos disse que:

> Eu sempre morei em comunidade ribeirinha, a minha vida foi plantando e pescando nesse rio Juruá e lagos. Pra mim, ser ribeirinho é minha vida, é o que eu aprendi a ser, aprendi com meus pais desde pequeno. Hoje eu moro na comunidade Porto Alegre e vivo da farinha que a gente faz aqui juntamente com a Família, nós planta, arranca, raspa, seva a mandioca, depois prensa, no outro dia, a gente torra. A vida é assim, não é fácil, mais é a nossa vida.

Foi perguntado ao Senhor Nascimento sobre o ciclo do plantio na várzea e ele respondeu:

> Olha rapaz, na várzea nós temos que respeitar o tempo da natureza, esperar a cheia passar, mais ou menos em maio, pra gente plantar. Quando o rio vai começando a vazar a gente começa a fazer roça. Na várzea a gente planta a Maria-faz-ruma, que é um tipo de mandioca que começa a dar em menos tempo, entre cinco a seis meses começamos a arrancar. Plantar na várzea é bom porque o solo ajuda, é mais abençoada a terra da beira do rio, e quando é final de outubro pra novembro começamos a arrancar pra não perder a colheita.

Percebe-se que a vida ribeirinha para quem planta é uma vida intimamente ligada ao ciclo hidrológico dos rios amazônicos, como no caso do rio Juruá que tem seu período de cheia iniciando-se no Solstício de verão, em 21 de dezembro e se prolonga até abril. É uma vida mediatizada por uma relação quase que simbiótica, isto é, em interação direta com o rio, são homens anfíbios, como explica Fraxe (2000), pois vivem a cheia e a vazante plantando e pescando para obter o seu sustento e renda.

Por fim, a dona Morais, quarta moradora da comunidade Porto Alegre entrevistada, deu uma grande demonstração de afetividade e apego pelo lugar vivido, falando:

> Eu amo ser ribeirinha! pra mim é muito bom morar na beira do rio Juruá, ver a paisagem do rio e as árvores, ver a correnteza lenta das águas, os pássaros voando e pescando, os cardumes de peixe que a gente pega quando passa no rio. Eu sempre gostei de pescar de anzol e assar os peixes na brasa, raspar mandioca pra fazer a farinha, tirar a goma e fazer tapioca. A nossa vida de ribeirinho é essa, a gente vive do que planta e pesca e assim a gente vai levando.

Dona Morais demostra bem o que é ser ribeirinho ao falar de seus modos de vida da pesca e do plantio, demostrando muita afetividade ao falar da natureza e dos elementos percebidos o rio, a correnteza, as árvores, os pássaros pescando, os peixes a roça.

A fenomenologia na geografia como uma percepção da realidade imediata intuída leva o indivíduo a compreender a subjetividade do seu lugar vivido. A partir da realização deste trabalho foi possível apreender que os moradores têm uma afetividade e uma percepção atenta do seu lugar, de sua realidade, dos processos naturais que acontecem ao longo de cada ciclo hidrológico, necessário para o plantio e para a pesca. Conforme assinala Yi-Fu Tuan (1980) o indivíduo possui uma percepção aguçada sobre sua realidade e seu lugar. Desse modo, ser ribeirinho conforme Fraxe, Witkoski e Pereira (2007) é mais do que uma definição conceitual é uma forma de vida, traduzido no andar da canoa, na moradia em meio a margem do rio, no plantio na várzea, na pesca, porque ser ribeirinho é uma condição de vida, ou conforme Vidal de La Blache é um modo de vida, dessas pessoas que aprenderam a viver e a ser nessas condições existenciais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa analisou o conceito de lugar presente nas narrativas dos ribeirinhos da comunidade Porto Alegre pertencente ao município de Ipixuna-AM. O ser ribeirinho percebido por quem vive as margens do rio Juruá, que planta, colhe e pesca na várzea amazônica. Assim como, quem sobe e desce os barrancos e presencia o ir e vir das canoas do Juruá. Dessa maneira, os habitantes da comunidade Porto Alegre mostram suas vivências e afetividades com o seu lugar de pertencimento, com seu modo de vida ribeirinho.

Nesse sentido, a abordagem fenomenológica, permitiu uma imersão na percepção e experiência vivida dos ribeirinhos da comunidade Porto Alegre. Os resultados obtidos evidenciam a estreita relação dos moradores com o rio Juruá, uma troca, que vai além de uma simples fonte de subsistência. Assim, existe uma ligação intrínseca com a natureza, sua identidade e à cultura local.

E a geograficidade do lugar apresentada nos sentimentos em relação a ser ribeirinho, bem como o lugar de vida, sendo a comunidade Porto Alegre para 230 habitantes o espaço de relações intersubjetivas. Os ribeirinhos da comunidade demostram um vasto conhecimento sobre o ambiente, com o extrativismo e uso de plantas medicinais, a agricultura familiar de várzea, a pesca artesanal assim como se adaptam as dinâmicas naturais de vazante e cheia do rio e eles constroem um modo de vida em harmonia com a natureza.

Além disso, nas falas dos moradores da comunidade Porto Alegre fica marcado, a importância da cultura e a religiosidade que está presente no cotidiano das famílias. Para os ribeirinhos suas práticas religiosas, os festejos e seus santos padroeiros fazem parte de seus costumes e existe uma conexão com o seu lugar, com os conhecimentos que foram passados pelos seus pais. Logo, a religiosidade estabelece um sentido de comunidade e um apoio espiritual para eles, bem como participar dos festejos anualmente faz parte de suas tradições religiosas.

Portanto, para os moradores da comunidade Porto Alegre ser ribeirinho(a) faz parte de suas vidas, é o que eles são e aprenderam a ser, com seus pais e familiares. É um modo de vida, uma identidade profundamente enraizada, por isso muitos não querem deixar seu lugar de pertencimento. No tocante, pode-se dizer que a percepção do lugar dos ribeirinhos está imbuída nas vivências mediatizadas pela dinâmica de vida na margem do Juruá, pelo ir e vir das canoas, na subida ao barranco, na pesca, no plantio, entre outras coisas inerentes ao modo de ser ribeirinho.

AmeliCA Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa acesso abertoPDF gerado a partir de XML JATS4R

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. São Paulo: Martins Fontes. 1993. 354p.

BUTTIMER, Anne. Aprendendo o dinamismo do mundo vivido. In.: CHRISTOFOLETTI, Antonio. Perspectivas da Geografia. São Paulo: DIFEL, 1985.

BUTTIMER, Anne. Lar, horizontes de alcance e o sentido de lugar. Geograficidade, Universidade Federal Fluminense, v. 5. N. 1, págs. 04-19, 2015.

CARDOSO, Ricardo de Jesus. A geograficidade dos habitantes do rio Cuieiras: percepções de um mundo vivido. 2010. 161 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2010.

CLAVAL, Paul. A Geografia Cultural. Florianópolis: Editora da UFSC, 1999. 453p.

CLAVAL, Paul. "A Volta do Cultural" na Geografia. In: Mercator – Revista de Geografia da UFC, ano 01, n. 01, págs. 19-29, 2002.

CLAVAL, Paul. Epistemologia da Geografia. Florianópolis: Editora UFSC, 2011. 406p.

COSTA, Josué da Silva. Nos Banzeiros do Rio: Sustentabilidade e Desenvolvimento em Comunidades Ribeirinhas da Amazônia. Rondônia: Ed. Unir, 2002. 216p.

DARDEL, Eric, L'homme et la terre: nature de la réalité géographique. Editions du CTHS, Paris, 1990.

DARDEL, Éric. O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica. São Paulo: ed. Perspectiva, 2011.

FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto. Homens Anfíbios: uma etnografia de um campesinato das águas. São Paulo: Annablume, 2000.

FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto. WITKOSKI. Antonio Carlos. PEREIRA. Henrique dos Santos (Org.). Comunidades ribeirinhas amazônicas: modos de vida e uso dos recursos naturais. – Manaus: EDUA, 2007.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 2010.

HOLZER, Werther. Uma Discussão Fenomenológica Sobre os Conceitos De Paisagem e Lugar, Território e Meio Ambiente. Revista TERRITÓRIO, ano li, nº 3, jul./dez. 1997. p. 77 a 85.

HOLZER, Werther. A GEOGRAFIA HUMANISTA: uma revisão. Espaço E Cultura, UERJ, RJ, Edição Comemorativa. 2008. p. 137-147.

HOLZER, Werther. O Conceito de Lugar na Geografia Cultural-Humanista: uma contribuição para a Geografia contemporânea. *GEOgraplria* -Ano V - No *10* – 2003. p. 113 – 123.

LIMA, A.M.L.; KOZEL, S. Lugar e mapa mental: uma análise possível. Geografia, v. 18, n. 1, Universidade Estadual de Londrina, págs. 207-231, 2009. Disponível em:< www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia>. Acesso em: 17 de abril de 2023.

MARANDOLA JR; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia de. (orgs). Qual o espaço do lugar?: geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012. 307p.

MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da Percepção. Martins Fontes. São Paulo, 1996.

MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da percepção. Tradução de: Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

AmeliCA Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa acesso abertoPDF gerado a partir de XML JATS4R

MOREIRA, Daniel Augusto. O método fenomenológico na Pesquisa. – São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

MINAYO, M. C. S. (org.). Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. 28 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. Percepção e Representação Gráfica; a "geograficidade" nos mapas mentais dos comandantes de embarcações no Amazonas. Tese de doutorado. USP, São Paulo, 2001.

NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. Percepção e representação gráfica: a Geograficidade nos mapas mentais dos comandantes de embarcações no Amazonas. Manaus: Edua, 2014

NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. Mapa mental: recurso didático para o estudo do lugar In: PONTUSCHKA, Nídia Nacib. Geografia em Perspectiva. São Paulo: Contexto, 2002.

NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. Uma interpretação fenomenológica na geografia. In: Silva, Aldo A. Dantas. Galeano, Alex (orgs.). Geografia, ciência do complexus. Porto Alegre: Sulina, 2004.

NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. Lugar e Cultura: a produção da vida no Careiro da Várzea –Am. *Revista ACTA Geográfica*, ANO I, n°2, jul./dez. de 2007. p.85-95.

LENCIONI, Sandra. Região e geografia: a noção de região no pensamento geográfico. Novos caminhos da geografia. Tradução. São Paulo: Contexto, 1999.

PINTO, Ileia Maria de Jesus. A (re) significação do lugar: comunidades ribeirinhas na cidade Manaus – AM. 2011. 115 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2011.

RELPH, Edward. As bases fenomenológicas da Geografia. In: GEOGRAFIA, 4(7): Rio Claro-SP. Abril, 1979.

SANTOS, Milton. METAMORFOSES DO ESPAÇO HABITADO, fundamentos Teórico e metodológico da geografia. – São Paulo. Hucitec. 1988.

SEVERINO, A. J. Metodologia do trabalho científico. 23 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVEIRA, Karin, A; ISMAIL, Isadora, A. L; PEREIRA JÚNIOR, Messias; ABRANTES, Ana Carolina, T.G. Contaminação no lençol freático por fossas rudimentares. Caderno Progressus, *[S. l.]*, v. 3, n. 5, p. 40–47, 2023.

SPÒSITO, Eliseu Savério. Geografia e filosofia: contribuição para o ensino do pensamento geográfico. – São Paulo: Unesp, 2004.

TRINDADE JUNIOR, Saint-Clair Cordeiro. Cidades na Floresta: os "grandes objetos" como expressões do meio técnico-científico informacional no espaço amazônico. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros,* São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros, n. 51, p. 113 – 137, mar./set. 2010.

TUAN, Yi-Fu. Espaço e Lugar, a perspectiva da experiência. Trad. Lívia de Oliveira. DIFEL. São Paulo/Rio de Janeiro, 1983.

TUAN, Yi-Fu. Topofilia: Um estudo de percepção, atitude e valores do meio ambiente. Trad. Lívia de Oliveira. DIFEL. São Paulo/Rio de Janeiro, 1980.

AmeliCA Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa acesso abertoPDF gerado a partir de XML JATS4R

AmeliCA

Disponível em:
https://portal.amelica.org/ameli/journal/274/2745193007/2745193007.pdf

Como citar este artigo

Número completo

Mais informações do artigo

Site da revista em portal.amelica.org

AmeliCA
Ciência Aberta para o Bem Comum

José Augusto Lopes de Lopes, Suane do Nascimento Saraiva
Geograficidades do Juruá: a percepção do lugar dos ribeirinhos da comunidade Porto Alegre, em Ipiuna-AM
Geograficidades do Juruá: a percepção do lugar dos ribeirinhos da comunidade Porto Alegre, em Ipiuna-AM
Geographicities of the Juruá: the perception of the place of the riverside dwellers of the Porto Alegre community, in Ipiuna-AM

Revista Presença Geográfica
vol. 12, núm. 1, 2025
Fundação Universidade Federal de Rondônia, Brasil
rpgeo@unir.br

ISSN-E: 2446-6646